



É desnecessário acrescentar exemplos brasileiros atuais de impostura política. São demasiado óbvios para serem mencionados. Por outro lado, pode haver uma certa quantidade de ilusão e falsidade em relações interpessoais, de modo que não é correto projetar toda a responsabilidade da ilusão para longe de nós, atribuindo-a, exclusivamente, a líderes políticos. A ilusão e a falsificação estão ainda na literatura, conforme alerta Erich Fromm:

“Na esfera da arte e da literatura ela também é exuberante. O público, e até mesmo o público culto, perdeu grandemente a capacidade de saber diferenciar entre o que é autêntico e o que é fraude. Esta insuficiência é causada por vários fatores. Em primeiro lugar, simplesmente pela orientação cerebrina da maioria. Eles ouvem somente as *palavras* e os conceitos intelectuais e não prestam atenção com o “ouvido da intuição” à prova da autenticidade do autor. Para dar um exemplo, na literatura sobre o zen budismo há autores, como D.T. Suzuki, cuja autenticidade está além de qualquer dúvida; ele fala do que vivenciou. Na realidade, esta autenticidade torna seus livros muitas vezes difíceis de ler, porque é da essência do zen não dar respostas que sejam racionalmente satisfatórias. Há alguns outros livros que parecem retratar adequadamente os *pensamentos* do zen, mas seus autores são simplesmente intelectuais cuja experiência os torna pouco profundos. Seus livros são mais fáceis de entender, mas não transmitem a qualidade essencial do zen budismo. Até aqui, achei que a maioria das pessoas que alegam interesse sério no Zen Budismo não notaram a diferença decisiva de qualidade entre estas categorias.”

Fromm está certo: também no budismo há ilusão, e o budismo tibetano não é uma exceção à regra. A revista budista independente **Bodigaya** mostrou como o Dalai Lama, em sua visita mais recente ao Brasil, colocou à mostra o pseudo-budismo de certas seitas. Nem tudo o que reluz é ouro, conforme diz o velho ditado, e a religiosidade que fica limitada à emoção, ou à formalidade, está fadada ao fracasso. [1]

Existe uma fabricação ilusória de “ídolos espirituais”, e Erich Fromm alerta:

“A outra razão da dificuldade de reconhecer a diferença entre o autêntico e a fraude situa-se na atração hipnótica que o poder e a fama têm. Se o nome de um homem ou o título de um livro faz fama através de publicidade inteligente, o homem comum inclina-se a acreditar na propaganda. Este processo é grandemente auxiliado por um outro fator. Numa sociedade totalmente comercializada, em que a capacidade de venda e o lucro favorável constituem os valores essenciais de tudo, em que toda pessoa vivencia-se como capital que tem que investir no mercado com o objetivo de obter lucro favorável (sucesso), seu valor de uso conta tão pouco quanto o de uma pasta de dentes ou de um remédio patenteado. Ele pode ser bom, inteligente, produtivo, corajoso, mas isso importa pouco se tais qualidades não tiverem sido usadas para torná-lo bem sucedido. Por outro lado, se é apenas medíocre como pessoa, escritor, artista ou não sei mais o quê, mas um narcisista, agressivo, bêbado, criador de manchetes obscenas, facilmente se tornará, dado algum talento, um dos “principais artistas ou escritores” da época. Naturalmente, não é o único envolvido nisso. Os comerciantes de arte, os agentes literários, os homens de relações públicas, os editores, todos eles estarão interessados no seu sucesso; ele é “criado” por eles...” [2]

O pensamento de Erich Fromm anda próximo da teosofia e do budismo autênticos. Ele valoriza “aquele poder que nos faz parecer nada aos olhos dos outros”. Ele tem muito a dizer, portanto, nesta primeira parte do século 21. Na indispensável ponte a ser construída entre teosofia e psicologia, a contribuição de Fromm está entre o que há de melhor. Ele mostra que

existe uma ampla e geral “rede de maya”, um vasto conjunto de pensamentos distorcidos por medos, desejos e ambições de ordem pessoal, mas que são frequentemente inconscientes.

De fato, podemos observar redes de pensamento de faz-de-conta nas mais diferentes dimensões da vida:

- \*no plano econômico;
- \*no plano político;
- \*no plano espiritual;
- \*no plano psicológico;
- \*no plano do jornalismo;

e assim sucessivamente.

O próximo passo evolutivo dos humanos não é romper esta ou aquela forma isolada de ilusão/mentira, mas, isto sim, fazer despertar uma consciência mais madura e mais aguda em relação ao conjunto multidimensional de Maya como um “faz-de-conta coletivo”. Chegando o momento, o indivíduo decodifica todas as ilusões ao mesmo tempo, assim como a luz do sol ilumina a tudo. Só a luz precária e artificial de uma lanterna a pilhas ilumina um objeto isolado e sem mostrar o seu contexto.

Até certo ponto, a atual crise civilizatória pode ser vista como um fracasso dos processos de faz-de-conta. Velhas teatralizações mayálicas, que até há pouco funcionavam bem, agora perdem eficiência e ficam cada vez mais abertamente disfuncionais.

A tradição esotérica autêntica coloca ao alcance do estudante uma chave-mestra que permite romper ilusões espirituais e mundanas, individuais e coletivas. Deste modo se abre um novo campo de possibilidades, inicialmente para as poucas mentes pioneiras que conseguem abrir caminho abandonando o hábito da distorção. Em seguida elas passam a funcionar como as tradicionais velas acesas que acendem outras velas sem apagar-se, e sem prejudicar-se por isso. A mente desperta é como uma chama acesa: pelo exemplo e pelo diálogo, ela acende ou desperta outra mente, que desperta outra, e outra, e assim um grupo crescente de almas produz e percebe a luz de um novo dia, de uma nova época, formando uma corrente contagiante de despertar que nada poderá deter.

O e-grupo Ser Atento, o boletim “O Teosofista”, o website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com) e outras instâncias de ação sutil são pequenos elos desta vasta corrente de transmissão de luz. Assim os pioneiros da boa vontade despertam gradualmente uns aos outros e a mais gente também, e estes por sua vez despertam outros tantos. Neste processo, que não ocorre de repente, as palavras são instrumentos. Elas não constituem o elemento principal, mas servem para transmitir idéias.

## NOTAS:

[1] Veja o texto “O Hábito Não Faz o Monge”, na revista “Bodigaya” número 19, Porto Alegre., pp. 38 a 45. Visite [www.bodigaya.com.br](http://www.bodigaya.com.br).

[2] “Do Ter Ao Ser”, Erich Fromm, Editora Manole Ltda., 1992, SP, 188 pp., ver pp. 25-27.

## Despertando do Sonho de Maya (II) É a Busca da Verdade Que Liberta o Aprendiz

Não basta identificar a ilusão ou “maya” como principal adversário do estudante de filosofia esotérica.

Existe no caminho filosófico um paradoxo enganoso que, quando não é cuidadosamente observado, produz efeitos lamentáveis. Trata-se do paradoxo da burocracia espiritual. Ele avisa o estudante de que uma das maiores e mais perigosas ilusões diante dele é a tentação de pensar que este ou aquele movimento espiritual ou processo de liderança está “livre da ilusão” e, portanto, pode ser seguido cegamente. Para evitar esta grave armadilha, o discernimento e o espírito crítico são indispensáveis, mas não são suficientes. Necessitamos, também, os princípios da autonomia do aprendiz e da transparência do processo pedagógico.

Quem ingressa de boa fé em uma instituição espiritual, sem questionar ou discutir a sua pedagogia, mais tarde provavelmente descobrirá que “na prática a teoria é outra”, e deverá enfrentar uma situação difícil. O amargo dilema da decepção é bem retratado de modo simbólico na obra “O Idílio do Lótus Branco”[1]

O capítulo um do clássico budista “Dhammapada” – que pode ser visto na seção “Dhammapada” do website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com) – afirma:

“Aqueles que vivem no mundo de prazeres da fantasia enxergam verdade no que é irreal e inverdade no que é real. Eles nunca chegam à verdade. Aqueles que se estabelecem no mundo do pensamento correto enxergam verdade no que é real e inverdade no que é irreal. Eles chegam à verdade.”

O “Dhammapada” acrescenta:

“A chuva flui para dentro de uma casa com telhado mal contruído, assim como os desejos fluem para dentro de uma mente mal treinada. A chuva não molha uma casa com telhado bem construído, assim como os desejos não entram na mente disciplinada.”

Como, então, se pode desenvolver o discernimento sobre o que é verdade e o que é ilusão? Felizmente, há um termômetro infalível para medir a capacidade do caminhante de deixar de lado as mil e uma armadilhas – muitas de aparência agradável – que se apresentarão a seus olhos enquanto ele percorre o caminho. O termômetro é dado pelo auto-exame das suas motivações e emoções. Sem apego e sem rejeição, ele deve examinar o que é certo e o que é errado dentro e fora de si, agir corretamente, e seguir adiante.

A emoção pessoal é enganosa. Na ausência de uma visão clara, ela coloca a serviço dos seus interesses menores até mesmo as palavras mais belas e as intenções mais nobres. Muitas das versões ilusórias do caminho espiritual estimulam o emocionalismo e promovem uma “teatralização da santidade”. Por outro lado, a auto-compreensão lúcida e impessoal transcende emoções e vai além do apego a instituições, cargos, aparências ou rituais. É então que nascem trazidas pela luz da alma espiritual, as emoções superiores. A partir delas surge uma ação que é autêntica, independente, e solidária.

As velhas divindades “paternais” e “maternais” não passam de objetos de transferência e projeção emocional. São criadas à imagem e à semelhança da ignorância espiritual coletiva, com base em sentimentos arcaicos de medo e adoração, que as crianças têm alternadamente pela figura paterna e pela figura materna, à medida que transformam estas figuras em mitos. Estes são os “deuses” e “mestres” clientelistas. Eles trocam favores pessoais com os seus “súditos”, praticam chantagens emocionais, fazem ameaças e outros tipos de manipulação psicológica. Estes são os deuses, os mestres e os santos cuja boa vontade e proteção podem ser comprados com promessas, oferendas ou rituais. Eles justificam as guerras, o terrorismo e a busca cega de vantagem pessoal nas diferentes dimensões da vida.

A teosofia autêntica e o há de melhor em cada religião ou filosofia correm por fora deste emocionalismo estreito. A sabedoria universal ensina a compreender a vida de modo amplo, sem que a mente seja arrastada para cá e para lá por esta ou aquela emoção de medo ou adoração pessoais. Assim surge a plena consciência da responsabilidade cármica do indivíduo. Paradoxalmente, é só esta responsabilidade que traz a libertação interior. Todo verdadeiro mestre apenas dá elementos a seus aprendizes para que deixem de lado as suas ilusões, e para que assumam conscientemente a direção da sua própria vida.

A Lei do Carma e da Ética afirma que só pode haver felicidade verdadeira como resultado de dois fatores. O primeiro fator é a contínua ação correta, de acordo com o melhor critério a que se tenha acesso. O segundo fator é a constante abstenção de ações que se considera erradas. A prática destes dois princípios fará surgir um discernimento cada vez maior a respeito do que é certo e do que é errado.

#### NOTA:

[1] “O Idílio do Lótus Branco”, Mabel Collins, Editora Teosófica, Brasília, 2000, 138 pp.

## A Carreta Avança Pelo Caminho da Verdade E As Coisas Menores Se Acomodam Por Si Mesmas

Quando o peregrino adquire o hábito de tentar sempre realizar a ação correta, as suas emoções passam a distorcer cada vez menos a percepção da realidade e ele avança com firmeza montanha acima.

É possível dizer que, enquanto a carreta avança pela estrada, as abóboras – as coisas menores – vão-se acomodando naturalmente. O caminho pode ser estreito e íngreme, mas é sólido. É durável.

Nesta metáfora do aprendizado, o eu inferior é simbolizado pela carreta, eu corresponde ao corpo, e pelo touro, símbolo da vontade ou emoção que movimenta a carreta. A emoção deve ser estável, é claro, para que o rumo seja constante. Já o eu superior é simbolizado pelo passageiro da viagem. Ele depende da lealdade do eu inferior para agir e seguir em frente. Em condições adequadas, o eu superior dirige o Touro. Para o animal sábio, a voz do dono é a voz da sua própria consciência.

A viagem montanha acima diz respeito ao aprendizado de uma encarnação. Trata-se da viagem de uma só vida, porque o indivíduo total que trilha o caminho não se repetirá: na

próxima encarnação o eu inferior (carreta + touro) será outro. Cada indivíduo humano inclui, pois, todos os elementos desta imagem simbólica. A carreta, o touro, o passageiro, as abóboras (seus registros cármicos ou skandhas), e até o caminho – tudo isso faz parte do ser complexo que constrói e interpreta uma trama de vida sob inspiração do eu superior.

Uma vida humana é uma combinação mais ou menos instável, às vezes tênue, de alguns elementos que são permanentes, ou espirituais, e outros elementos que são provisórios, ou materiais. O aprendizado consiste em transferir o foco de consciência daquilo que é secundário para o que é essencial, e em colocar tudo o que é provisório a serviço do que é eterno. Os testes, obstáculos e solavancos fazem parte da viagem morro acima.

## Como Evitar a Mediunidade e Seus Perigos

### A Busca Espiritual Requer Ação Definida e Plena Atenção

Segundo a filosofia esotérica, a mediunidade e a perda da independência devem ser evitadas a todo custo, mas elas não ocorrem apenas em sessões espíritas. Os perigos da passividade psíquica diante de forças sutis pouco recomendáveis são enormes em qualquer ambiente “espiritual” que estimule nas pessoas uma obediência cega. Para evitar esta dominação paralisante, uma pedagogia espiritual eficaz deve estimular o desenvolvimento de uma vontade individual ativa, unida a um desejo de agir corretamente, e a uma decisão de ser individualmente responsável pelo que se faz e pelo que se deixa de fazer.

Em 1885, Helena Blavatsky publicou e respondeu três perguntas de um leitor, no periódico “The Theosophist”, que ela publicava mensalmente na Índia:

*1)Quais são os sintomas, tanto externos como internos, que permitem detectar se estamos tornando-nos, ou se já nos tornamos de fato, um médium ‘espírita’?*

*2)Serão parte dos sintomas a má saúde, a perda da vitalidade, e a conseqüente perda de força-de-vontade, assim como a distração mental?*

*3)Quais são os meios para defender-nos eficientemente de tal processo? E se o processo já se completou, quais são os meios para dissipar os seus efeitos?*

H. P. Blavatsky respondeu da seguinte maneira:

*1) Perda de vitalidade e seus resultados.*

*2) Sim.*

*3) Vontade positiva, estudo, atividade, trabalho. [1]*

A prática da teosofia clássica nada tem a ver com passividade. Ela inclui elementos de Raja Ioga (a sabedoria pelo auto-controle e autoconhecimento) de Carma Ioga (a sabedoria pela ação correta) e de Jnana Ioga (a sabedoria pela contemplação das verdades universais). Nestas três linhas de ação, uma vontade ativa, unida à ética, é um elemento central e indispensável.

#### NOTA:

[1] “The Theosophist”, Adyar, India, February 1885, p. 119.

# Cartas do Brasil Para Índia, Sobre Judge E Mais Um Teosofista Experiente Sai da Sociedade de Adyar

Em torno do dia 13 de abril, cinco cartas foram mandadas por teosofistas brasileiros solicitando que a Sociedade de Adyar admita a falsidade das suas antigas acusações contra William Q. Judge, um dos principais fundadores do movimento esotérico moderno. É o terceiro ano consecutivo de uma corrente de cartas a este respeito, conforme publicamos em nossa edição anterior. Entre os estudantes que escreveram este ano estão Valmir Gentil Aguiar, de Florianópolis, Rejane “Chica” Tazza, de Porto Alegre e Martha Vieira, de Brasília.

De Londres, o conhecido historiador teosófico Leslie Price mandou correspondência para a Índia solicitando a mesma coisa. Cartas de outros locais do exterior foram mandadas, inclusive do México e da Alemanha. A seguir, reproduzimos a carta aberta de um experiente teosofista brasileiro, Régis Alves de Souza. Além de pedir justiça para William Judge, Régis anuncia neste documento a sua saída da Sociedade de Adyar – depois de 23 anos de participação ativa – com o objetivo de dedicar-se ao trabalho pela teosofia autêntica.

0000000000

Mrs. Radha Burnier  
Presidente Internacional  
Sociedade Teosófica, Índia

Florianópolis, 13 de abril de 2008.

Prezada Sra. Radha,

Em 13 de abril de 2007 eu lhe escrevi uma primeira carta em que pedia o re-exame do antigo “processo” contra William Judge. E também lhe contava da importância de haver descoberto a existência da Loja Unida de Teosofistas, a LUT, uma rede de estudantes independentes existente em cerca de 13 países.

Hoje devo anunciar que abandonei o quadro de membros da Sociedade Teosófica de Adyar, para poder dedicar-me mais integralmente à proposta original do movimento teosófico, que não inclui ritualismos ou avatares, nem apego a cargos burocráticos ou luta por eles. Sou grato pelo que aprendi enquanto membro da ST de Adyar, desde 1985 até março de 2008. Preservo numerosos amigos na ST de Adyar. E sei que todos podemos trabalhar em harmonia e cooperação, em torno dos ideais comuns, preservando a independência de cada um e sobretudo, sempre que possível, sendo leais em relação à proposta original de trabalho formulada pelos Mestres de Sabedoria.

Em função disso, o objetivo principal desta carta é renovar a minha solicitação de que você siga os passos do seu pai, N. Sri Ram, no que diz respeito a William Judge.

Como se sabe, quando presidente da Sociedade de Adyar, Sri Ram prefaciou e aprovou a publicação em Adyar da obra “Damodar and the Pioneers of the Theosophical Movement”, de Sven Eek (TPH, Adyar, 1965). A obra contém uma clara embora parcial demonstração da contribuição valiosa de William Judge para o movimento, e a sua publicação significou um

forte primeiro passo para que seja feita justiça em relação a ele. Mas a vida é dinâmica, e novos passos devem ser dados no mesmo sentido.

Peço, pois, que você pense na possibilidade de re-examinar o chamado “Processo Contra Judge”, em que um dos três principais fundadores do movimento teosófico foi injustamente acusado por Annie Besant de haver forjado mensagens de Mestres.

E peço que mostre provas de qualquer erro semelhante cometido por Judge, ou então, lealmente, admita a inocência dele. Como você sabe, tais provas nunca apareceram, e o processo foi abandonado pela metade. Por algum motivo, no entanto, Judge é até hoje considerado um teosofista desonesto pela parte do movimento que depende de Adyar. Podendo ter acesso à teosofia autêntica, que inclui os livros e artigos escritos por Judge, este grande setor do movimento ainda está preso a obras sabidamente inverídicas.

“Errar é humano”, como diz um ditado popular brasileiro, e Annie Besant errou em relação a William Judge. Mas não há razão para tentar eternizar o erro dela. Os teosofistas têm direito à verdade dos fatos, e confio em que você poderá dar um passo à frente.

Certo da sua resposta, atenciosamente,

Régis Alves de Souza  
Florianópolis, SC, Brasil.

000000000

## “O Teosofista”, Ser Atento, e [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com) : Uma Experiência de Informação Solidária

O website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com), o e-grupo [Ser Atento](http://SerAtento.com) e o boletim “O Teosofista” constituem, em conjunto, uma pequena experiência de comunicação social. Estas três frentes de ação formam um laboratório de experiências em que se ensaia, em pequena escala, a construção de um novo tipo de comunicação social.

A “informação solidária” está comprometida com a busca da verdade no plano individual e coletivo. Há muitas experiências importantes e criativas de comunicação ocorrendo hoje, especialmente graças à internet. Com sua atuação no campo da filosofia, da teosofia, da ética, e da consciência planetária, o site [filosofiaesoterica.com](http://filosofiaesoterica.com), “O Teosofista” e o e-grupo Ser Atento fazem parte deste processo maior.

O Ser Atento foi fundado em 29 de agosto de 2005. Em fevereiro de 2007, o campo de ação foi ampliado com a divulgação do website. No mesmo momento, os textos produzidos na perspectiva da teosofia clássica passaram a ser mandados eletronicamente para um número expressivo e crescente de pessoas. Em maio de 2007, circulou experimentalmente o “número zero” de “O Teosofista”, já como boletim eletrônico mensal. Em março de 2008, o número de estudantes que recebiam “O Teosofista” e outros textos chegava a 3.009.

Dentro do campo filosófico mas acompanhando o processo planetário como um todo, as nossas prioridades se definem a partir do fato de que, a nosso ver, o conceito de informação é inseparável dos conceitos de transformação e de formação. A informação mais necessária



neste momento, porque ainda é difícil de encontrar, é a informação que constitui um instrumento para a nossa transformação e a nossa formação como seres íntegros, para que alcancemos algo da felicidade incondicional e possamos ser cidadãos melhores e mais sábios, neste planeta. [1]

Misteriosamente, este tipo de informação solidária nem sempre é verbal. Ela necessita de silêncio, paz e sossego. Nela, algumas das melhores notícias vêm direto da Alma, através da voz da consciência, a voz que não necessita usar palavras.

**NOTA:**

[1] Para conhecer a filosofia da comunicação que orienta tanto o website como o e-grupo e este boletim, veja a obra "A Informação Solidária", de Carlos Cardoso Aveline, Ed. Edifurb, Blumenau, SC, 1999, 86 pp., [www.furb.br/editora](http://www.furb.br/editora) . O portal do e-grupo Ser Atento está em [www.yahoogrupos.com.br](http://www.yahoogrupos.com.br) .

## Pergunta e Comentário: Podemos Escolher Alguém Como Nosso Juiz?

**Pergunta:**

O e-grupo Ser Atento adota o princípio da autonomia do aprendiz, de acordo com o qual toda forma de obediência cega deve ser cuidadosamente evitada. Neste caso, será lógico pensar que não se deve aceitar outra pessoa como nosso juiz: isso não seria um desastre, do ponto de vista da pedagogia teosófica de H.P. Blavatsky?

**Comentário:**

Não necessariamente, mas a questão merece ser examinada com calma.

Para manter a metáfora judicial, é correto que o aprendiz "nomeie" pessoas como seus juízes, mas apenas como juízes de primeira instância, cuja decisão será examinada e revogada ou confirmada pelo juiz de instância superior, isto é, a própria consciência autônoma e interior do aprendiz.

De preferência, o aprendiz deve "nomear" como seus juízes pessoas sinceramente amigas, responsáveis, de bom senso, cujo testemunho e avaliação (cujas "sentenças", para manter a linguagem judicial) tenham a intenção de estimular e até exigir crescimento interior do caminhante.

A verdade é que, consciente ou inconscientemente, todo ser humano tem "juízes" o tempo todo, desde a infância até a velhice.

Há o tribunal da sua própria consciência interior, que deve ser o tribunal supremo, mas que nem sempre é fácil ouvir.

Há o “super-ego”, que é a autoridade social e familiar internalizada (nos termos da psicanálise freudiana). Há o tribunal da opinião pública. Há o tribunal dos chefes e líderes nesta ou naquela instância da vida do indivíduo. Todos estes tribunais ou fontes de juízos e avaliações, fazem parte da vida. Não é útil, nem eficaz, tratar de negar a existência de algum deles.

O correto, é ouvir o que cada um deles tem a dizer e colocá-lo dentro do contexto maior da vida, e comparar cada “sentença” ou parecer com o testemunho que vem da voz da consciência superior em nosso próprio mundo interno.

Assim, parece correto que colegas de caminhada abram espaço uns aos outros para que ofereçam julgamento, testemunho, ou avaliação. Isso se chama ajuda mútua. Conselhos específicos quanto ao que fazer devem ser evitados, salvo exceções.

Trocando avaliações, podemos ser fraternalmente juízes uns dos outros, mas ninguém deve colocar-se, ou ser colocado no banco dos réus. Na Escada de Ouro do caminho teosófico, esta prática da ajuda mútua corresponde a dois princípios ou “degraus”:

- 1) “presteza para dar e receber conselho e instrução”;
- 2) “leal senso de dever para com o instrutor”.

São instrutores nossos aqueles em quem decidimos confiar. Sinônimos de “juiz” ou “instrutor”, neste contexto, são os termos “amigo”, “colega de caminho”, “irmão”.

Confiar no julgamento de alguém não é necessariamente, e não deve ser de modo algum, um ato de confiança cega. Do mesmo modo, tampouco aceitar um cheque de alguém implica confiança cega. Sabemos que há providências a tomar, caso recebamos cheques sem fundo, ou se acreditarmos em mentiras ditas por alguém em quem confiamos. Uma das providências é não aceitar futuros cheques (ou afirmativas e avaliações) da mesma pessoa, a menos que tudo fique esclarecido.

Assim como há um sistema de compensação de cheques, no sistema bancário, a vida e o carma também possuem um sistema de compensação cármica de afirmativas, palavras, frases e ações; e aquelas que não têm um fundo de sinceridade e autenticidade “são devolvidas” pela vida, de modo natural e inevitável. Nem todo cheque sem fundo ocorre por má fé; mas nenhum cheque sem fundo é aceito pelo sistema de compensação de cheques, na vida.

Assim, confiar em alguém implica que o que a pessoa diz será verificado e confirmado ou não pela vida, por pesquisas e estudos posteriores. Durante a aprendizagem, toda percepção está sempre sujeita a uma contínua revisão, correção e melhora. Isso deve ficar claro para quem fala e para quem escuta: para quem ensina, e para quem aprende.

Outra metáfora é a científica.

Podemos confiar no que as pessoas de bom senso dizem, do mesmo modo como alguém confia em hipóteses científicas a serem gradualmente verificadas.

Os Mestres, Adeptos, Mahatmas e todos os instrutores autênticos **não esperam, e não aceitam**, mais do que isso dos seus alunos. Eles transmitem hipóteses de trabalho que, pouco

a pouco, os aprendizes irão confirmando por seu próprio processo experimental e autônomo e adaptando e melhorando o modo de expressar os princípios universais que constituem a teosofia autêntica.

Deste modo, não existe um dilema entre dois extremos: confiar cegamente em uma autoridade espiritual, ou preservar a autonomia ao preço de não confiar em ninguém. Pode-se confiar com os olhos abertos, sabendo que o futuro, e inclusive o futuro imediato e de curto prazo, irá mostrar a cada passo a correção ou não da afirmativa em que confiamos.

## ***Antologia de Argumentos Ilusórios (5)*** **“O Planeta e a Humanidade Correm Grave Risco”**

De vez em quando, correntes de ansiedade se expandem pela internet brasileira a partir do fato de que algum profeta da nova era pensa que conversou com Deus, Jeová, Allah, Cristo – ou os Mestres de Sabedoria – e anuncia que o planeta vai acabar dentro de duas ou três semanas, e devemos fazer as malas para mudar de planeta, ou, pelo menos, fazer uma doação financeira à instituição do profeta. O que pensar diante destes “anúncios”?

### **Comentário:**

É mais provável que o apocalipse se restrinja às finanças do profeta.

O catastrofismo com data marcada tem sido historicamente um dos recursos mais usados por profetas de si mesmos para dar a entender a seus semelhantes que eles “conversam com Deus” e, mais recentemente, que “conversam com os Mestres”.

Estes são velhos fogos de artifício, usados consciente ou inconscientemente para chamar atenção. No caso do movimento teosófico, por exemplo, tivemos o “messianismo com data marcada”, inventado por Annie Besant e Charles Leadbeater: Jiddu Krishnamurti iria ser o novo Cristo, iria eliminar as guerras e reorganizar o planeta. Hoje, outros “avatares” anunciam o final do mundo ou do planeta.

Fantasia à parte, é verdade que estamos vivendo um período de adaptações na casca externa da nossa civilização. E isso desperta ansiedades. A causa da mudança é que o indivíduo humano mudou internamente nos últimos séculos. Velhas formas de organização coletiva já não servem o propósito evolutivo. Também geologicamente é necessária uma renovação maior ou menor no cenário e na relação entre o mundo animal e o ambiente físico. Mas estas são boas notícias. As renovações da estrutura de vida no planeta são periódicas e sempre trazem melhoras, conforme explica a teosofia. Elas obedecem a ciclos que todos podemos estudar em “A Doutrina Secreta” e outras obras. Nesta primeira parte do século 21, temos o privilégio de participar ativamente do surgimento de uma nova forma de inteligência espiritual, que não é de rebanho nem institucionalizada, mas sim baseada nos princípios básicos da era de Aquário, independência solidária dos cidadãos e a amizade por todos os seres. O primeiro objetivo do movimento teosófico moderno, formar um núcleo da fraternidade universal, é rigorosamente aquariano.

Quem tiver a intenção de entender os acontecimentos do mundo atual deve, portanto, obter antes de mais nada o ponto de vista correto. Para isso, deve fortalecer o contato com o centro

de paz incondicional em seu próprio interior. Então é possível olhar o mundo do ponto de vista do seu potencial sagrado e positivo, porque sabe-se que toda crise é iniciática, que todo obstáculo faz parte da aprendizagem, e que, no plano essencial, a humanidade está hoje melhor do que nunca. A isso podemos acrescentar que, neste momento, a mudança interna está madura e encaminhada, e por isso a fase externa pode acelerar. “O Universo é dirigido desde o seu interior”, escreveu H.P.Blavatsky. A mesma idéia foi afirmada por Fred Hoyle, o físico do final do século vinte. [1] E o que, afinal, está no interior sutil do Universo? São as inteligências divinas das quais fazem parte os Mahatmas criadores do movimento teosófico.

Quando se pensa no futuro da humanidade, o foco central da atenção não deve estar, portanto, exclusivamente nas mudanças pontuais, geológicas e físicas que já estão começando e não são agradáveis. Estas são apenas as folhas da árvore. A compreensão do processo civilizatório atual necessita de estudo, de meditação, de espírito construtivo e de confiança no processo evolutivo de longo prazo do planeta e da humanidade.

A evolução terrestre e a evolução humana são muito bem orientadas e conduzidas há milhões de anos. No momento atual, o parto de uma nova consciência baseada na fraternidade universal está adiantado e ocorrendo normalmente. Este nascimento será desdobrado e completado (não sem crises dolorosas no plano externo e visível) até 2099. H.P.Blavatsky, que trouxe para o Ocidente a sabedoria oriental, escreveu que a vitória da luz espiritual será clara e visível “antes do final do século 21”: mas, no plano essencial e invisível, a vitória já ocorreu.

A destruição diz respeito à casca externa de uma civilização que já não serve, e quanto mais espírito crítico e ação construtiva houver, menos destruição será necessária. É inútil pretender marcar data para a mudança planetária, em primeiro lugar porque ela é gradual, e em segundo lugar porque ela já começou há muito tempo.

Recomendamos o estudo dos textos que estão na seção “**Meio Ambiente, Ecologia Profunda e o Planeta Terra**”, no website [www.filosofiaesoterica.com](http://www.filosofiaesoterica.com). Ali, serão especialmente úteis os textos “Al Gore e a Tradição Esotérica”; “James Lovelock e o Planeta Gaia”; “A Chegada do Novo Ciclo”; “Uma Dura Transição Até 2020”, e “A Comunidade Planetária em 2070”.

## NOTA:

[1] Veja a obra “A Vida Secreta da Natureza”, Carlos Cardoso Aveline, Ed. Bodigaya, 158 pp., 2007, p. 149. Visite [www.bodigaya.com.br](http://www.bodigaya.com.br).

# Da Arte de Cumprir o Dever

William Q. Judge escreveu:

“Quando você pára para pensar e para considerar qual é o seu dever, ou qual dever entre muitos outros deve ser cumprido antes, você fica perplexo e acha difícil saber *o que* fazer. Mas se você faz apenas o que está diante de você sem pensar em todas as outras coisas, e sem perturbar a sua mente por causa das coisas que não pode fazer, então tudo será diferente e tudo ficará mais claro para você. Faça o que tem que fazer agora, não se preocupe com outras coisas. Elas serão enfrentadas a seu devido tempo; mas o que ajudará você em todas estas

